



O ÚLTIMO ABRAÇO

UM CONTO DE HORROR PESSOAL

LU CAVALHEIRO

2022



Em um futuro distante, descobriram como reanimar cadáveres para realizar funções simples. Não demorou muito para criarem um mercado de *sexydolls*, cadáveres reanimados para serem usados no lugar de bonecas infláveis, e isso se tornou um negócio muito lucrativo. Porém, o dono de umas das empresas que trabalha com isso descobriu o quão doloroso pode ser um último abraço...

Conto não recomendado para menores de 18 anos, por retratar implicitamente violação de cadáveres e necrofilia.

O ÚLTIMO ABRAÇO

Um conto de horror pessoal

Texto © 2018, 2022 Lu Cavalheiro

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Autoria e diagramação: Lu Cavalheiro

Revisão da publicação original: Sandra Garcia Cortés

Artes:

- **Capa:** Andrew Neel, "People Hugging Each Other" (<https://www.pexels.com/photo/people-hugging-each-other-7860314/>)
- **Quarta capa:** Domínio público (<https://www.rawpixel.com/image/5947786/free-public-domain-cc0-photo>)

Ano de publicação: 2022

Licença: Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

O ÚLTIMO ABRAÇO: UM CONTO DE HORROR PESSOAL foi publicado originalmente na coletânea *Expresso 666: contos sobrenaturais de suspense e de terror*, organizada por Alex Mir e publicada pela *Andross Editora* em 2018. Na coletânea, fui creditada usando meu nome civil, *Luís Fernando Carvalho Cavalheiro*. O conto concorreu ao *Prêmio Strix 2017* na categoria *Contos publicados na coletânea Expresso 666: contos sobrenaturais de suspense e de terror*.

ISBN-13 da coletânea *Expresso 666: contos sobrenaturais de suspense e de terror*: 978-85-5461-017-3.

Este conto é uma obra de ficção que se utiliza de elementos bizarros para construir uma narrativa curta, porém brutal. Em nenhum momento a autora faz apologia ao uso de cadáveres para nenhum fim, especialmente necrofilia. Quaisquer semelhanças com a realidade são meras coincidências.

Conto não recomendado para menores de 18 anos, por lidar implicitamente com temas como violação de cadáveres e necrofilia.

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
- **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&spreffix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
- **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

O conto **O último abraço** foi escrito usando o editor de textos *VIM – Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas foram a *EBGaramond* e *LiberationMono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>.

O ÚLTIMO ABRAÇO

Levantei de minha mesa como sempre faço após a hora do almoço. Na *Deadly Sexdolls* não existe tempo para um bom descanso, visto que nossos produtos sempre estão em alta demanda.

Nunca canso de dizer, para mim mesmo, *que negócio de gênio!* Eu não sou muito versado na história de meu ofício, mas sei que há uns duzentos anos um cientista descobriu um meio para reanimar cadáveres e condicioná-los à realização de tarefas relativamente simples. Então surgiu um empreendedor que decidiu usar os cadáveres reanimados como substitutos para bonecas infláveis – e isso por alguma razão bizarra tem sido desde então um sucesso comercial. Um *sexdoll*, como são chamados, possui todas as funcionalidades de um corpo vivo, exceto inteligência, sendo comprados principalmente por homens das classes sociais mais elevadas – o tipo de sujeito que não sabe mais como conversar com seus interesses românticos ou sexuais.

Fui verificar como andava a produção naquele dia, e não encontrei nada que me desagradasse. Quero dizer, sempre vão existir os funcionários recém-contratados que ainda demonstram algum choque com a matéria-prima usada em meu empreendimento, mas isso é o tipo de coisa que passa em um mês ou dois. Assim, avisei aos gerentes e supervisores que eu estaria em minha sala caso precisassem de mim.

Quando retornei, encontrei uma *sexdoll* sentada placidamente em minha cadeira. Fiquei assustado, pois, embora raros, sempre existiam relatos de *sexdolls* desenvolvendo mais sciência do que o necessário e entrando em uma fúria homicida. Fiz algumas perguntas sobre matemática simples, um truque engenhoso para saber se uma *sexdoll* representava ou não risco e, ante a inabilidade dela em me responder, respirei aliviado.

Com os nervos sob controle, analisei melhor a *sexdoll*. Era uma mulher linda,

uma negra alta e um pouco mais magra do que me agradaria, mas com gentis olhos castanhos e um sorriso capaz de derreter o mais gelado dos corações. Ela estava usando um vestido simples de algodão azul, com uma estampa floral que parecia ter sido furtada das cortinas da avó de alguém. Devia ter morrido com menos de trinta anos, e essa constatação me comoveu. Ela morreu jovem, e agora estava condenada a ser o brinquedinho sexual de alguém pelos próximos quinze anos – o prazo de validade de uma *sexdoll*. Uma pena.

Ainda sem entender o que a *sexdoll* fazia em minha sala, sentei-me em minha poltrona para continuar o tedioso trabalho administrativo. No meio dos meus papéis, encontrei um bilhete. A caligrafia parecia feminina, e o papel era cuidadosamente perfumado com um aroma que lembrava olíbano. Havia apenas uma frase escrita: *Aproveite bem o seu presente*. Aquilo me fez pensar que eu nunca havia usado uma *sexdoll*, como a que estava ali parada, sentada à minha frente, me olhando com uma proverbial cara de paisagem.

Levantei para trancar a porta de meu escritório e sentei-me na mesa de frente para ela. Apesar da ausência de inteligência, *sexdolls* são treinados para obedecer a alguns comandos simples, e disparei a primeira ordem: *tire a roupa*. Mecanicamente, como todo *sexdoll* é condenado a agir, ela se levantou e tirou a roupa como se obedecesse ao comando de um médico. Apesar de magra, seu corpo era lindo. Pus as mãos sobre seus ombros, sentindo a maciez da carne morta, e beijei seus lábios. Uma onda de ojeriza tomou meu corpo e me afastei dela. Aquilo ela degradante. Era como beijar uma parede com um furo largo o bastante para enfiar meu pênis.

Virei as costas e fui abrir a porta, mas meu corpo congelou quando a ouvi *falar*:
— Mestre.

Sexdolls não falam, nós removemos as cordas vocais deles. Como ela conseguiu? Virei-me em sua direção. Ela estava quase como viva, o corpo cuidadosamente posicionado para parecer sensual e vivo. Minha mente berrava, *COMO!?!?*

Ela veio em minha direção – não cambaleando, como um *sexdoll*faria, mas ágil e sedutoramente – e me abraçou. Ela colou a boca em minha orelha e sussurrou com uma voz grave e doce, mais encantadora que qualquer outra coisa:

— Você me rejeitou, mestre.

Senti suas mãos envolvendo meu pescoço, seu aperto mais forte do que quaisquer tenazes já criadas pelo homem. Ela apertava meu pescoço como se quisesse mais do que me sufocar, ela queria quebrá-lo. Conforme o ar fugia de meus pulmões, minha visão ficava cada vez mais escura, mais incapaz de ver outra coisa que não fossem os olhos da *sexdoll*. A

última coisa de que me lembro antes de a vida me abandonar totalmente era a voz dela:

— Você me rejeitou, mestre!

